



Palas Athena

JUSTIÇA PARA O SÉCULO 21  
INSTITUINDO PRÁTICAS RESTAURATIVAS

## Desenvolvendo Empatia com os Jovens através de Práticas Restaurativas

Kay Pranis

Departamento Correccional de Minnesota

Publicado em *Public Service Psychology*  
Vol. 25; nº 2, Primavera de 2000

Vivemos em temor de nossos filhos. Qualquer sociedade que teme suas crianças está fadada a uma vida curta. De alguma forma, interpôs-se uma enorme distância entre nós e os filhos dos outros. Não os conhecemos e não investimos emocionalmente, materialmente ou espiritualmente no seu bem-estar. Não fomos um exemplo que permitisse a eles compreender a interconexão de todas as coisas e a necessidade de sempre ponderar sobre o impacto de nossas ações sobre os outros.

Os crimes juvenis violentos – imagem de monstros em pele de criança – tem sido usados para justificar a escalada de medidas duras, uma após a outra, na esteira de cada novo caso de horror. Somente quando, recentemente, uma criança de seis anos puxou o gatilho é que puxamos o breque das reações punitivas por tempo suficiente para olhar para nós mesmos e perguntar: “Como isso pode acontecer”?

Criamos toda uma geração sem os pré-requisitos necessários ao desenvolvimento de empatia – e depois ficamos escandalizados quando eles parecem não se importar com o impacto de seu comportamento sobre os outros. Obviamente, não escolhemos conscientemente criá-los sem empatia, isto resultou de mudanças significativas em nosso comportamento social.

O desenvolvimento de empatia requer:

1. Retorno constante (e dado de forma respeitosa) sobre como nossas ações estão afetando os outros.
2. Relacionamento nos quais somos valorizados e nosso valor é reconhecido.
3. Experiências de ter recebido a simpatia dos outros em situações de sofrimento.

Um número espantoso de crianças está crescendo sem qualquer uma dessas características em suas vidas, e muito poucas vivenciam todas as três de forma regular. Nossa sociedade presume que é dever dos pais oferecer estes aspectos da criação mas, na realidade, todos os itens são responsabilidade também dos membros da comunidade. Se não houver a participação da comunidade para suprir aquelas necessidades, não existe espírito comunitário, nem senso de responsabilidade recíproca em relação aos outros.



**Palas Athena**

**JUSTIÇA** PARA O SÉCULO 21  
INSTITUINDO PRÁTICAS RESTAURATIVAS

## VER PELA LENTE DOS JOVENS

“Quantos de vocês tiveram a experiência de ter outros adultos, que não seus pais, dizendo a vocês o que fazer e como se comportar na vizinhança quando eram pequenos?” Todos sorriem e concordam com a cabeça, lembrando os tempos em que eram responsabilizados, disciplinados ou postos na linha por alguém fora da família nuclear. “Meus pais não tinham que fazer nada. Quando eu chegava em casa já tinha levado todas as broncas” ou ainda “Quando eu chegava em casa, meus pais já sabiam de tudo”. Esta é a reação de quase todos com mais de 25 anos de idade. Eles sem lembram de pessoas fora da família envolvidas na tarefa de mantê-los dentro dos padrões de comportamento da comunidade – e essas lembranças trazem sorrisos.

“Quantos de vocês fazem a mesma coisa com as crianças da vizinhança hoje em dia?” Os sorrisos somem e algumas cabeças balançam afirmativamente, mas a maioria reconhece com pesar que eles e seus vizinhos não fazem as coisas dessa forma atualmente. Todos concordam que a comunidade não participa da criação dos filhos dos outros da mesma forma como antigamente.

Essa mudança no comportamento dos adultos tem duas implicações importantíssimas para a comunidade.

Em primeiro lugar, esta talvez seja a primeira vez desde que os humanos formaram as primeiras comunidades em que se espera que os pais, sozinhos, socializem seus filhos segundo as normas da comunidade sem contar com o reforço dos outros adultos da comunidade, vinte e quatro horas por dia, em todos os lugares aonde a criança vai. Os pais não podem fazer isso sozinhos. É uma missão impossível. Sem dúvida, a natureza assombrosa de tal tarefa contribui ao grande estresse vivenciado pelas famílias.

Em segundo, o mundo vivenciado pelas crianças é marcado pelas seguintes características: 1) as expectativas dos meus pais não correspondem às normas sociais pois os outros adultos me vêem fazendo essas coisas e não falam nada; e 2) as únicas pessoas que se importam comigo além de meus pais são profissionais pagos (polícia, professores, assistentes sociais, oficiais de condicional). O estabelecimento de limites para o comportamento em geral passa uma mensagem de interesse e responsabilidade. Quando os adultos se lembram daquelas ocasiões em que foram disciplinados por outros, em geral também evocam um senso de pertencimento, de terem sido cuidados por aqueles adultos. Talvez não gostassem das consequências, mas reconhecem que aquilo representou um tipo de compromisso com a bem-estar da criança que eram. Ora, a mensagem que as crianças de hoje recebem - de que os únicos que se incomodam com suas vidas são a família nuclear e as pessoas que são pagas para isso – é uma mensagem muito corrosiva e cria uma visão de mundo totalmente diferente. Este é um mundo que não leva à empatia ou a um senso de bem-comum além dos interesses individuais.

A ex-governadora de Minnesota, Tenete Joanne Benson, conta uma história que reflete bem essa visão de mundo. Ela e sua família iam saindo de um jogo de basquete por um corredor envidraçado para chegar ao estacionamento do estádio. Passaram por um grupo de adolescentes que estavam ali “bagunçando”. Por causa das paredes de vidro e pelo fato de muitas pessoas transitarem por aquele corredor, ela parou e pediu aos jovens que



**Palas Athena**

**JUSTIÇA** PARA O SÉCULO 21  
INSTITUINDO PRÁTICAS RESTAURATIVAS

parassem. Ela continuou andando mas seu filho, virando-se para trás, observou que os adolescentes continuavam se empurrando e brincando perigosamente. Ele se virou e disse: “Ei, caras, vocês não ouviram o que ela disse?”. Ela deu uma olhada no relógio e acrescentou: “Ninguém quer que vocês se machuquem, certo, e além do mais, acho que já é hora de vocês voltarem para casa”. Quando a família Benson virou-se para sair, um dos garotos puxou a manga da governadora e perguntou: “Você trabalha aqui?”.

Numa ocasião, durante uma conferência sobre a juventude em Washington, DC, os participantes afirmaram claramente que, segundo sua percepção, certos comportamentos não eram reprováveis porque ninguém jamais havia dito qualquer coisa a respeito. Os jovens entendem o silêncio como consentimento – mas também presumem que o silêncio significa indiferença em relação a seu comportamento e eles mesmos.

Uma assistente social que trabalha com jovens partilha sua história: “Uma garota de 14 anos vinha passando por abusos em casa, por parte de seus pais, e procurou nosso programa. Eu fui buscá-la na casa de uma amiga dela para levar a um lar substituto provisório. Os pais substitutos são voluntários dispostos a doar duas semanas de cuidado a um jovem passando por problemas de abuso em casa. A garota falava e agia como uma típica adolescente em crise – muito crítica devido ao medo. Então falei a ela sobre a necessidade de ser respeitosa em relação aos pais substitutos, já que eles são voluntários e não recebem nada pelo cuidado que dispensam. Disse que ela precisava tratar a casa deles com respeito. O carro ficou silencioso e eu olhei para ela. Lágrimas escorriam pelo seu rosto. Quando perguntei a ela se havia algo errado ela respondeu: “Pensei que eles estavam recebendo para me acolher. Por que eles querariam me ajudar sem receber nada em troca?”.

A experiência de vida que os jovens têm lhes diz que as únicas pessoas que falam com eles sobre seu comportamento em público, ou prestam alguma ajuda, são pessoas pagas para isso. Os jovens se sentem invisíveis ou indesejados. Os adultos não dão sinal de reconhecerem sua existência, não os criticam nem elogiam, nem parecem se importar em saber quem são.

É difícil desenvolver um senso de responsabilidade em relação ao impacto de seu comportamento sobre os outros se não se recebe nenhum retorno a respeito. É difícil se importar com o bem estar dos outros se, na sua percepção, ninguém se importa com o seu bem-estar. Os adultos precisam viver esses valores para que os jovens os aprendam.

## O MEDO DOS ADULTOS MINA O DESENVOLVIMENTO DA EMPATIA

Uma vez iniciado, o ciclo de medo e distância social se perpetua sozinho. O medo dos jovens leva os adultos a evitá-los. Esse distanciamento diminui o contato e acaba fazendo crescer o medo, já que somente a realidade do convívio conseguiria diminuir o temor. Os jovens são extremamente sensíveis em relação à aceitação ou ausência dela, e muitas vezes manifestam rejeição se desconfiarem que serão rejeitados. É preciso a maturidade do adulto para formar uma ponte a despeito da aparência de insolência ou indiferença frequentemente adotada pelos adolescentes para esconder suas inseguranças e o medo da vulnerabilidade. O medo que os adultos sentem diante do adolescente muitas vezes leva



**Palas Athena**

**JUSTIÇA** PARA O SÉCULO 21  
INSTITUINDO PRÁTICAS RESTAURATIVAS

esses adultos a adotarem comportamentos que reforçam as inseguranças naturais e o senso de isolamento dos adolescentes, minando assim seu potencial de empatia.

Para o espírito humano, ser temido é algo essencialmente destrutivo, pois para a nossa espécie é vital que os indivíduos se sintam ligados aos outros, aceitos e amados. A sensação de ser temido pode trazer certo inebriamento, porém, os efeitos sobre a alma humana são em sua maior parte destrutivos.

## REDUZINDO O MEDO ATRAVÉS DE PRÁTICAS RESTAURATIVAS

A justiça restaurativa oferece uma estrutura apropriada para re-estabelecer um relacionamento adequado entre os membros da comunidade e os jovens, e para reduzir o medo que os adultos sentem dos jovens.

A metodologia da justiça restaurativa, especialmente os processos face-a-face, envolve o ato de contar a história pessoal num ambiente íntimo e seguro. Estereótipos e generalizações sobre grupos de pessoas dificilmente se sustentam diante do contato direto com um indivíduo num ambiente respeitoso. Os processos restaurativos partem do pressuposto de que todo indivíduo tem valor, portanto, apresentam as pessoas umas às outras de um modo respeitoso, que faz aflorar em cada um a sua dignidade como ser humano.

A percepção que os adultos têm da indiferença e insolência dos jovens e, por outro lado, a percepção que os adolescentes têm de adultos distantes e indiferentes são ambas dissipadas depois de um intercâmbio honesto de sentimentos e esperanças. Os processos restaurativos permitem a todos ganhar voz para contar sua história e tomar decisões.

Todas as metodologias restaurativas – encontros vítima-ofensor, conferência familiar grupal, painéis comunitários e círculos de construção de paz – envolvem encontros presenciais que são oportunidades para partilhar narrativas pessoais que humanizam todos os participantes. Esses processos, além de resolver os incidentes particulares dos envolvidos, também re-enquadram os relacionamentos de todas as partes em virtude do compromisso comum com um bom resultado e a responsabilidade partilhada. Tais processos restaurativos quebram a distância social entre os participantes – sejam vítimas, ofensores, suas famílias, membros da comunidade e profissionais do sistema de justiça criminal. As narrativas pessoais são um modo poderoso de reposicionar o “outro” como um de “nós” e, ao fazê-lo, perceber que nossos destinos estão entrelaçados.

O ato de contar histórias é fundamental para ter relacionamentos sociais saudáveis. Para nos sentirmos ligados aos outros e respeitados precisamos contar nossa própria história, e precisamos que os outros ouçam. Para que os outros se sintam respeitados e ligados a nós, eles precisam contar suas histórias, e nós precisamos ouvir.

Ouvir a história do outro é algo que reduz a distância social e elimina os estereótipos a cerca do outro. Essas histórias pessoais carregam a complexidade do indivíduo levando-nos muito além das impressões unidimensionais que podem surgir quando conhecemos apenas um aspecto da vida daquela pessoa. Se ouvirmos de fato a história do outro, é difícil manter distância daquela pessoa e ter medo dela.



**Palas Athena**

**JUSTIÇA** PARA O SÉCULO 21  
INSTITUINDO PRÁTICAS RESTAURATIVAS

## ESTIMULANDO O DESENVOLVIMENTO DE EMPATIA ATRAVÉS DE PRÁTICAS RESTAURATIVAS

Os processos restaurativos presenciais são concebidos para estimular a empatia. O diálogo ou encontro vítima-ofensor, a conferência grupal, o painel comunitário e os processos circulares de construção de paz:

1. Oferecem retorno sobre o impacto das ações do ofensor sobre os outros.

Um dos objetivos primários desses processos é aumentar a compreensão do ofensor sobre o impacto de seu comportamento sobre as pessoas afetadas por ele – as vítimas, as pessoas que dão apoio a essas vítimas, a família do próprio ofensor, os amigos e membros da comunidade. Os processos restaurativos envolvem a descrição clara e detalhada do impacto do crime sobre todos os presentes. O mal causado pelo comportamento é expresso diretamente, porém de forma respeitosa, ao infrator juvenil. Os participantes manifestam preocupação e pesar pela dor vivenciada pela vítima e sua família por causa do comportamento do ofensor. O grupo é um modelo de empatia em relação àqueles que sofrem, e estimula processo similar no ofensor.

2. Reforçam um sentido de importância e valor intrínseco do ofensor.

Os processos restaurativos combinam apoio e responsabilização. Se o infrator nunca foi sujeito de cuidados, é improvável que a empatia surja, mesmo quando se formar a consciência do impacto de seu comportamento. Assim, os processos restaurativos devem também passar cuidado do ofensor e a crença no valor intrínseco dele. Os processos restaurativos incluem pessoas que oferecem apoio ao ofensor, estimulam relacionamentos positivos com outros membros da comunidade, e tratam o ofensor com respeito e dignidade. Tais processos valorizam a história do ofensor. Em nossa cultura, ter outros ouvindo a nossa história é uma função do poder. Quanto mais poder temos, mais as pessoas ouvem respeitosamente à nossa história. Consequentemente, ouvir a história de alguém é conferir poder a ela, é validar suas qualidades de ser humano.

3. Reconhecer a dor presente na vida do ofensor sem desculpar seu comportamento

Ao permitir que o ofensor conte sua história o processo restaurativo cria espaço para compreender as dificuldades do ofensor. Oferecer ajuda para tratar desses problemas é manifestar preocupação pela dor presente na vida do ofensor.

Esses processos presenciais criam espaços nos quais o mal pode ser claramente identificado e reconhecido, sem diminuir o valor do ofensor ou a integridade de seu ser. Tais espaços permitem que o ofensor sinta empatia, pois seus recursos internos não estão totalmente engolfados na tarefa de se proteger.

Mesmo quando os encontros presenciais não são viáveis, os jovens ofensores podem ser envolvidos em serviços comunitários restaurativos que estimulam o desenvolvimento de empatia. Esses serviços comunitários restaurativos ocupam o ofensor com trabalhos que são valorizados pela comunidade. Nas suas formas mais eficazes, o ofensor trabalha lado a lado com outros membros da comunidade em benefício dessa mesma comunidade, servindo como retorno positivo na forma do valor desse trabalho para a comunidade. Nas palavras de Dennis Maloney, um trabalho comunitário que “alivia o sofrimento dos outros” promove conscientização da dor vivenciada pelos outros, e também oportunidade



**Palas Athena**

**JUSTIÇA** PARA O SÉCULO 21  
INSTITUINDO PRÁTICAS RESTAURATIVAS

concreta de fazer algo positivo em relação a ela. A contribuição para melhorar a vida dos outros leva a uma auto-imagem positiva e um senso de valor pessoal, se essa contribuição é validada pelos membros da comunidade. O serviço comunitário restaurativo oferece ao ofensor a possibilidade de retornar a um círculo de reciprocidade empática, que é um aspecto fundamental das comunidades saudáveis. Nesse círculo de reciprocidade o ofensor pode ter a expectativa de receber apoio e cuidados em relação às suas necessidades e dificuldades.

## A RESPONSABILIDADE DA COMUNIDADE NUMA ESTRUTURA RESTAURATIVA

A justiça restaurativa requer uma reação colaborativa ao comportamento danoso por parte da comunidade com o governo. A comunidade é responsável por:

1. Dar apoio aos que foram atingidos
2. Comunicar qual foi o impacto do comportamento sobre a comunidade
3. Oferecer oportunidades aos ofensores para reparar o dano sofrido pela vítima e pela comunidade
4. Estabelecer e comunicar expectativas comportamentais a cada membro da comunidade de forma respeitosa
5. Tratar das causas subjacentes ao comportamento danoso

Essas responsabilidades da comunidade são o fundamento da construção de empatia para todos os membros dessa mesma comunidade. Dar apoio àqueles que foram prejudicados exige que partilhemos a dor – um elemento chave da empatia. Explicar como o comportamento fere os outros constitui uma base para que os causadores do mal possam entender por que devem se arrepender por seu comportamento. Oferecer oportunidades para reparar os danos é algo que permite que o sentimento de pesar possa ser traduzido em ações concretas que expressam empatia e, portanto, reforçam seu sentido. Estabelecer e comunicar expectativas de modo respeitoso exige que os membros da comunidade envolvam-se em um diálogo abrangente sobre as perspectivas, necessidades e experiências de todos os membros da comunidade – o que contribui para um ambiente empático. Tratar das causas do comportamento danoso leva a atenção da comunidade para sofrimentos associados ao ato lesivo, que podem constituir fatores contributivos presentes na vida do ofensor, e que requerem empatia.

Todo membro de uma comunidade tem a responsabilidade de desempenhar as funções comunitárias acima. Todo membro de uma comunidade é responsável pelo comportamento dos jovens. Todo membro da comunidade tem ocasião para praticar pequenas ações que revertem o ciclo de medo em relação aos jovens, e o isolamento e desconexão que os jovens vivenciam em consequência dele. Os jovens reagem ao mundo que estão experimentando – eles não deram início a esse mundo. Nossas crianças são um espelho – nosso reflexo.



**Palas Athena**

JUSTIÇA PARA O SÉCULO 21  
INSTITUINDO PRÁTICAS RESTAURATIVAS

As intervenções de justiça restaurativa em grupos de jovens são uma oportunidade para começar a mudar o relacionamento entre jovens e adultos na comunidade, para ensiná-los que cuidado e responsabilidade andam de mãos dadas, e para demonstrar que o poder pessoal pode ser usado de modo construtivo. A justiça restaurativa é, fundamentalmente, um esforço em direção a relacionamentos saudáveis e amorosos. Relacionamentos dessa natureza não desculpam comportamentos que prejudicam os outros, mas procuram aproveitar tais experiências como oportunidade de aprendizado para todos os envolvidos. A justiça restaurativa é um caminho que leva do medo ao amor.

*Tradução de Tônia Van Acker para Associação Palas Athena*